

Dilemas do anticapitalismo contemporâneo: Michael Löwy e o marxismo libertário¹

Fabio Mascaro Querido

Professor do Departamento de Sociologia
Universidade Estadual de Campinas

¹ Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no debate de lançamento do livro *Afinidades revolucionárias. Nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários*, de Olivier Besancenot e Michael Löwy, ocorrido no auditório da Livraria da Unesp, na Praça da Sé, em São Paulo, no dia 24 de outubro de 2016, que contou com a participação, de Michael Löwy, Isabel Loureiro e Francisco Foot Hardman.

Dilemas do anticapitalismo contemporâneo: Michael Löwy e o marxismo libertário

Resumo: Tomando como ponto de partida a recente publicação do livro *Afinidades revolucionárias*, de Michael Löwy e Olivier Besancenot, o objetivo deste artigo é lançar algumas hipóteses sobre a importância da questão libertária (em sentido amplo) na trajetória intelectual e política de Löwy, localizando-a em alguns momentos fundamentais do seu itinerário, desde a juventude paulistana até o “tempo-de-agora”, como diria Walter Benjamin, que é sempre o tempo do qual, gostemos ou não, visualizamos o passado. Trata-se, assim, de se visualizar - à luz do presente e sob o risco mais ou menos inevitável do “anacronismo” - a forma como tal questão, ou perspectiva, transformou-se ao longo do percurso intelectual de Michael Löwy, com destaque especial para a virada benjaminiana que, a partir do final dos anos 1970, impactou profundamente a sua interpretação do marxismo, estimulando-o a uma abertura teórica e temática tão profícua quanto polêmica.

Palavras-chave: 1. Anticapitalismo; 2. Michael Löwy; 3. Marxismo libertário.

Dilemmas of contemporary anti-capitalism: Michael Löwy and libertarian Marxism

Abstract: Taking as the starting point the recent publication of the book *Revolutionary affinities*, by Michael Löwy and Olivier Besancenot, the aim of this article is to suggest some hypotheses about the importance of the libertarian issue (in a broad sense) in Löwy's trajectory. We situated it in some fundamental moments of his itinerary since his youth in the city of Sao Paulo up to the “here and now”, as would say Walter Benjamin, which is always the time from which, whether we like or not, we visualize the past. We have, therefore, to visualize - under the light of the present and under a more or less inevitable risk of “anachronism” - the way in which such an issue or perspective has been transformed along Michael Löwy's intellectual trajectory. Especial emphasis was given to the Benjaminian turn that, since the end of the 1970s, has deeply impressed in his interpretation of Marxism, stimulating him to such an equally fruitful and polemical theoretical and thematic opening.

Keywords: 1. Anti-capitalism; 2. Michael Löwy; 3. Libertarian Marxism.

“Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo. Importa ao materialismo histórico capturar uma imagem do passado tal como ela inesperadamente se coloca para o sujeito histórico no instante do perigo. O perigo ameaça tanto o conteúdo dado da tradição quanto os seus destinatários. Para ambos o perigo é único e o mesmo: deixar-se transformar em instrumento da classe dominante. Em cada época é preciso tentar arrancar a transmissão da tradição o conformismo que está na iminência de subjugar-la. Pois o Messias não vem somente como redentor; ele vem como vencedor do Anticristo” (Walter Benjamin, VI Tese “sobre o conceito de história”).

Muito embora só tenha explicitamente se consolidado em tempos mais recentes, nas últimas duas ou três décadas, *grosso modo*, a relação de Michael Löwy (1938), ou, mais especificamente, de seu marxismo, com a temática e, depois, com a perspectiva libertária, vem de longa data. Luxemburgo-guevarista na adolescência e na juventude paulistana, militante numa organização trotsko-guevarista a partir da virada para os anos 1970 (a LCR francesa), organização entre cujos líderes estava seu amigo e futuro cúmplice intelectual Daniel Bensaïd, Löwy flertava, desde os tempos da graduação em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, na rua Maria Antônia, nos anos 1950, com os declives libertários do surrealismo, o que lhe conferia, aliás, uma aura bem particular no cenário universitário da época, tal como revela seu “velho amigo” Roberto Schwarz (2007) em texto-depoimento.

Ainda que de modo subterrâneo, esta sensibilidade não esteve ausente na incorporação de suas primeiras influências propriamente intelectuais, levando-o, por exemplo, a optar por um marxismo *humanista-revolucionário*

amplamente inspirado em George Lukács (*História e Consciência de Classe*) e na “sociologia da cultura” (de matriz lukacsiana) de Lucien Goldmann, orientador de sua tese de doutorado sobre o jovem Marx (2002 [1964]), na qual era visível a leitura dialética (e anti-althusseriana) do marxismo. O passo seguinte, e talvez um dos mais decisivos, foi dado com a realização de sua segunda tese de doutorado (*doutorado de Estado*), desta vez sobre a “evolução política” do jovem Lukács, da juventude trágico-romântica ao marxismo revolucionário de HCC. Esta era vista como a grande síntese dialética na qual culminaria o itinerário político-intelectual do marxista húngaro entre 1910 e 1920, ou seja, antes da inflexão do autor na direção de um “realismo estreito” e da relação ambivalente com as vertentes reformistas do stalinismo, defensoras da política de Frente Popular (cf. LÖWY, 1998).

Estimulado pela radicalização política dos intelectuais entre o final da década de 1960 e início da seguinte, Michael Löwy retomou a trajetória do jovem Lukács a fim de entender as “mediações ético-culturais” que, em determinado contexto histórico-social, impulsionaram a categoria social dos intelectuais (que ele entendia à maneira mannheimniana) na direção da perspectiva revolucionária – marxista, mas não apenas. Foi nesse contexto que Löwy valorizou a dimensão romântico-radical presente no jovem Lukács, dimensão que, embora “superada” pelo marxismo humanista-revolucionário de HCC, teria sido corresponsável pelo caráter radicalmente anti-determinista e anti-positivista do livro publicado em 1922, notadamente na sua parte mais “luxemburguista” (*ibid.*, p. 203-230).

Em *A evolução política de Lukács (1909-1929)* ou *Por uma sociologia dos intelectuais revolucionários*, títulos com os quais o trabalho foi publicado no Brasil, Michael Löwy destacou alguns dos aspectos “positivos” do romantismo, lançando algumas das bases que, anos depois, serviria para um estudo mais sistematizado. Muito importante, nesse sentido, foi a resenha de Raymond Williams redigida por ocasião da publicação inglesa do livro (editada pela *New Left Books* em 1980 com o título *Georg Lukács: do romantismo ao bolchevismo*). Nesta, o autor galês ao mesmo em que elogiou de modo bastante favorável o estudo löwyano, ressentiu-se da insistência com que Löwy buscou delimitar o marxismo (ou o “bolchevismo”) de Lukács em relação às ressonâncias romântica-juvenis.

Estas ressonâncias, contudo, eram pressupostas por Löwy como elementos que qualificavam a diagnóstico lukacsiano da modernidade em *HCC*. Nas palavras de Williams, a partir do estudo de Löwy, se o jovem Lukács e seus congêneres anticapitalistas românticos “gast[aram] tanto tempo analisando os problemas da burocracia estatal, das relações entre um sistema industrial moderno e os tipos qualitativos de pensamento e de administração, das diferenças entre as comunidades reais e a ordem social monetária centralizada, dificilmente podemos, desde o final dos anos 1970, supor que estava[m] perdendo seu tempo ou deixando escapar alguma verdade central simples” (WILLIAMS, 2007, p. 54).

Como reconheceu o próprio Löwy em diversas ocasiões, a resenha de Williams acabou sendo de fundamental importância para a sua reavaliação posterior – agora como tema específico de análise – da problemática da “visão de mundo” romântica. Quase simultaneamente, porém, como se se tratasse de uma espécie de “acaso objetivo” – como diriam Breton e os surrealistas – Michael Löwy ingressou no grupo de pesquisa de “sociologia da religião”, importante centro de estudos alocado no *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) e na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS).² Na mesma época, Löwy redescobriu a obra de um autor cujo pensamento lhe seria, dali em diante, ainda mais decisivo do que o de Lukács: Walter Benjamin. Neste, Löwy viu um intelectual à luz do qual poderia reinterpretar tanto os temas e autores de outrora quanto os novos que começariam a emergir, num contexto histórico-político que, ao menos na Europa, já não apresentava as mesmas esperanças revolucionárias do início da década, quando os ventos de 1968 ainda se fizeram sentir.

Românticos, messiânicos, marxistas e libertários

Foi a partir desse momento, no final da década de 1970, que Löwy deu início às suas pesquisas, largamente inspiradas em Benjamin (mas também em

² O ingresso se deu após um primeiro encontro no chamado “Círculo de Heidelberg” no qual – a convite de Jean Séguy – Löwy discutiu abordou exatamente a parte do livro sobre a juventude romântico-messiânica de Lukács.

Goldmann, no plano metodológico), sobre as “afinidades eletivas” entre intelectuais judeus romântico-religiosos e “anarquizantes”, como Franz Rosenzweig, Martin Buber e Gershom Scholem; “anarquistas religiosos judeizantes”, como Gustav Landauer, Franz Kafka, além do próprio Benjamin; e judeus assimilados, “ateu-religiosos”, “anarco-bolchevistas”, como Ernst Toller, Ernst Bloch e Georg Lukács. Tratavam-se de autores que construíram a maior parte de suas obras no período anterior à tragédia da *Shoah*.

Esboçado em textos do início dos anos 1980, tal tipologia seria sistematizada no livro *Redenção e Utopia. O judaísmo libertário na Europa central. Um estudo de afinidade eletiva*, publicado em 1988 na França (LÖWY, 1992). Trata-se de um momento decisivo na configuração de seu “marxismo libertário, já que é nestes trabalhos que, pela primeira vez, sob o pano de fundo benjaminiano, o intelectual franco-brasileiro se esforça por assimilar, em chave explícita e positiva,³ perspectivas originalmente estrangeiras ao marxismo, tais quais, além do romantismo e das religiosidades utópicas, o ponto de vista “libertário” em sentido amplo (mais do que propriamente “anarquista”).

A partir de meados da década de 1980, retomando a questão do romantismo, quase sempre ao lado do crítico literário norte-americano Robert Sayre (também ex-aluno de Goldmann), Löwy destacou, ademais de das suas vertentes conservadoras, reacionárias e mesmo fascistas já conhecidas, a existência de um “romantismo revolucionário e utópico”, que poderia ser “marxista” (Benjamin, Bloch, Breton, Lefebvre, Marcuse, Thompson, Williams, Debord, dentre outros) tanto quanto “libertário” (William Morris, Gustav Landauer), além de “jacobino-democrático”, “populista” ou “socialista utópico-humanista”, conforme a tipologia apresentada pelos autores em *Revolta e*

³ Em *A evolução política de Lukács*, Löwy, embora já valorizasse alguns traços da crítica romântica à modernidade, ainda acreditava que o marxismo exigia a “superação” do romantismo, tal como havia feito o jovem Lukács no final da década da 1910, culminando em HCC. Para ele, “o socialismo de Marx nada tem a ver, social e ideologicamente, com o romantismo anticapitalista; ele encontra suas raízes em outro setor da pequena-burguesia, ou seja, a pequena burguesia jacobina, iluminista, democrático-revolucionária, anti-feudal e ‘francófila’, da qual Heinrich Heine, esse inimigo encarniçado do romantismo, é o genial representante literário” (LÖWY, 1998, p. 35-36). Sobre a questão da importância da questão romântica no âmbito mais geral da obra de Löwy, ver Querido (2016, cap. 5). Ver também Ridenti (2011, p. 79). A propósito da relação entre romantismo e rearticulação (benjaminiana) da temporalidade histórica, ver Vincent Delacroix (2011).

melancolia. O romantismo na contramão da modernidade (2015 [1992]).⁴ Em comum, não obstante a diversidade assinalada, os “romântico-revolucionários” buscavam no passado elementos e valores que, “desviados” na direção de uma utopia de futuro, sinalizam a “descontinuidade” e “ruptura” qualitativa em relação ao presente capitalista-moderno – sem deixarem, porém, de serem eles mesmos “modernos”, parte da sociedade a qual desejam transformar. Estes realizavam uma “crítica moderna da modernidade” inspirada em traços distintivos antevistos e frequentemente idealizados do passado.

Mais ou menos à mesma época, no final da primeira metade dos anos 1990, após ter qualificado Max Weber como “romântico-resignado”, em função do seu diagnóstico pessimista acerca da civilização capitalista-moderna (como se vê, por exemplo, nas últimas páginas d’*A Ética protestante e o espírito do capitalismo*),⁵ Michael Löwy passou a reivindicar, carregando na sua dimensão libertária, a possibilidade de uma “leitura anticapitalista” do sociólogo alemão. Tal interpretação anticapitalista-libertária de Weber, assentada no marxismo dialético de Lukács e/ou Benjamin, apresenta-se de forma lapidar na interpretação realizada por Löwy dos romances de Franz Kafka, espécie de “formalização” literária (para dizer como Adorno, Roberto Schwarz ou Antonio Candido) da crítica weberiana à “jaula de aço” da civilização capitalista-moderna, crítica mais tarde retomada, por outras vias, pelos surrealistas, pelos frankfurtianos (em sua crítica da “razão instrumental”), e a qual, no escritor tcheco, aparece como expressão do caráter infernal das “cadeias de papel” da modernidade. Para Löwy, deste ponto de vista, Kafka pode ser tomado como um crítico “libertário” de aspectos decisivos do mundo moderno, preocupado com o destino da liberdade numa época propícia à dominação burocrática e, portanto, reificada e desumanizante. É o que nos mostra Löwy em seu livro *Franz Kafka: sonhador insubmisso*, publicado originalmente em 2004, em Paris, e no ano seguinte no Brasil (LÖWY, 2005).

⁴ Muito embora os principais estudos sobre a questão sejam assinados por ambos, o próprio Sayre (2011) reconhece que foi Löwy quem deu o pontapé inicial na reinterpretção da temática romântica. Mesmo porque, como diz Sayre, “se olhamos o conjunto da obra de Michael Löwy, parece claro que o *romantismo* – enquanto conceito e campo de estudo – constitui um dos eixos principais, o eixo principal” (2011, p. 61).

⁵ Ver Löwy (2012). Acerca da reivindicação, por Löwy, de um “marxismo-weberiano” contemporâneo, ver Löwy (1992) e Querido (2015).

Ecossocialismo e altermundialismo

Desde a virada para os anos 2000, colhendo os frutos desta radicalização romântico-utópico-libertária da crítica à civilização capitalista moderna-industrial, Michael Löwy incorporou de modo central a questão ecológica, concebida a partir de então como parâmetro para a atualização intelectual e política do marxismo. Em 2001, por exemplo, Löwy foi responsável, ao lado do norte-americano Joel Kovel, pela redação do primeiro “Manifesto ecossocialista internacional”, no qual crise ecológica e crise social são tratadas como dimensões de uma “crise civilizatória” mais ampla, resultante do caráter destrutivo do “progresso” moderno, especialmente na periferia do sistema, malgrado a resistência das comunidades autóctones - que acabaram por configurar o que Joan Martinez Alier denominou “ecologismo dos pobres”.

É na América Latina, aliás, região para a qual Löwy mobiliza grande parte dos seus interesses políticos e intelectuais a partir da virada para os anos 1980, quer dizer, simultaneamente à sua incorporação da obra de Walter Benjamin, que o sociólogo franco-brasileiro visualizará concretamente, no presente, algumas das mais criativas articulações teóricas e/ou práticas entre cosmovisões teológico-políticas, marxistas-guevaristas e libertárias, embebidas pelo passado de resistência da região, tal qual se pode observar no exemplo paradigmático dos neozapatistas mexicanos, que, com a insurreição popular armada em janeiro de 1994, protagonizaram o pontapé inicial do que mais tarde seria o “altermundialismo”. Nas palavras de André Tosel, “a contribuição mais importante de Michael Löwy é sua busca pelas potencialidades de significação, pelas reservas de sentido inscritas nos pensamentos não modernos, nas tradições religiosas igualitárias, marcadas pela relação com um messianismo profano sem messias, que constituem um fermento para os movimentos sociais da América Latina” (QUERIDO, 2015, p. 149).

Na América Latina, mais do que em qualquer outro lugar, como o comprova um pensamento como o de José Carlos Mariátegui, as afinidades entre estas diversas formas de crítica da modernidade, hermeticamente concentradas no repertório benjaminiano, assume feição concreta, tornando

visível o que, para muitos europeus, era apenas uma miragem de um intelectual idiossincrático. Mais ainda do que na Europa, a América foi e é palco de lutas que, contra o aspecto predominantemente destrutivo e violento do progresso modernizador, acabaram formando, do passado ao presente, uma verdadeira “tradição dos oprimidos”, como diria Benjamin, para cuja apreensão, porém, se faz necessário “escovar a história a contrapelo” (cf. LÖWY, 2010/2011). Em Michael Löwy, como afirma Enzo Traverso (2011, p. 32), “a América Latina constitui provavelmente o elo que une a visão trágica do mundo (Lukács, Goldman) e o messianismo judaico (Benjamin) em uma nova teoria do *romantismo revolucionário*”.

No “reencantamento” libertário do mundo promovido pelos zapatistas, por exemplo, inaugurando uma nova cultura política na esquerda radical, estariam algumas das características mais marcantes do movimento “altermundialista”, simbolicamente consolidado nas massivas (e fortemente reprimidas) manifestações ocorridas por ocasião do encontro da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle, em 1999, onde estavam reunidos representantes de mais de uma centena de países. Na perspectiva de Michael Löwy, em meio à diversidade dos movimentos que compõem a atmosfera “altermundialista”, cada qual com suas reivindicações mais ou menos específicas e/ou imediatas, pode-se entrever a articulação entre uma “negatividade” libertária, de resistência antiautoritária à política “tradicional”, e uma “dimensão utópica” baseada em “valores comuns” caros tanto aos marxistas quanto aos libertários - humanismo, democracia, pluralidade e, no centro de tudo isso, a luta pela liberdade (“individual”, inclusive) contra o “totalitarismo econômico” ou contra a “ditadura dos mercados”, uma vez que, como se lê no slogan do Fórum Social Mundial (FSM) desde seu primeiro encontro em Porto Alegre, em 2001: “o mundo não é uma mercadoria”, o que, sob a globalização neoliberal triunfante, imporia a necessidade de um “outro mundo possível” (cf. LÖWY, 2009).

“Afinidades revolucionárias” intergeracionais

Neste percurso, o livro publicado em 2016, *Por uma solidariedade entre marxistas e libertários*, redigido em conjunto com Olivier Besancenot, volta a

sinalizar a adesão de Michael Löwy a um “marxismo libertário” bem particular, o qual ele já vinha progressivamente maturando há cerca de duas ou três décadas. Além disso, consolida as afinidades com Besancenot, oriundo de uma geração política e intelectual distintas. Ao longo de sua trajetória, Löwy foi entusiasta de primeira hora da revolução cubana em 1959, membro ativo dos comitês de luta contra a guerra do Vietnã a partir de 1965,⁶ observador longínquo mas interessado dos acontecimentos de maio de 1968, formou-se sob os sopros de esperança que, dos trotskistas aos maoístas, passando pelos luxemburgistas, encheram de otimismo boa parte dos marxistas revolucionários anti-stalinistas, motivo pelo qual esta foi a “última geração de Outubro” (STORA, 2008). Olivier Besancenot, por sua vez, ingressou na vida política militante em meados da década de 1980, momento em que este élan já havia sido refreado, assinalando o declínio definitivo não de toda e qualquer perspectiva anticapitalista revolucionária, mas sim daquelas ancoradas numa interpretação mais ou menos ortodoxa do mal chamado “marxismo-leninismo”.

Essa experiência de mudança das condições da política revolucionária permitira a Löwy avançar mais livremente, via Benjamin, nas suas reflexões sobre as “heresias” anticapitalistas. Nestas se destacava o componente libertário, como que para enfatizar a necessidade de um distanciamento em relação não apenas à “degeneração burocrática” stalinista em processo de dissolução, senão também ao autoritarismo centralizador presente nas correntes que se colocavam como as autênticas herdeiras do *espírito* de 1917, tal como aquela à qual pertenciam: o trotskismo. Nesse ínterim, Olivier Besancenot – que sempre preferiu epítetos como “comunista libertário” ou “anticapitalista revolucionário” aos de “marxista” ou, sobretudo, de “trotskista”, embora jamais

⁶ Michael Löwy viveu em Israel entre 1964 e 1968, ao lado da mãe e do irmão sionista de esquerda. Neste “parêntese israelense”, como descreve o período, trabalhou como professor nas Universidades de Jerusalém e Tel-Aviv. Voltou a Europa na virada para 1969, primeiro para Manchester e, no ano seguinte, para Paris, onde se estabeleceu definitivamente, ao menos até os dias que correm. Retrospectivamente, Löwy avalia o período passado em Israel, do ponto de vista acadêmico e intelectual, como uma “perda de tempo”, já que provavelmente teria logrado um posto de trabalho na França se lá restasse depois de findado o doutorado, em 1964. O próprio Goldmann, aliás, lhe havia instruído a respeito. Entrevista com o autor, outubro de 2014 (Paris).

os renegue inteiramente –⁷ simboliza, na sua própria trajetória, algo dos dilemas da juventude “rebelde” que emergiu na vida militante em meados dos 1980, momento em que a Liga Comunista Revolucionária (LCR), por exemplo, encontrava-se em meio a uma crise. Momento de baixa intensidade das lutas e da vida política da esquerda radical, entre meados dos 1980 e 1995, tratava-se, para a pequena organização, igualmente do início de um lento processo de autocrítica e de redefinição político-estratégica, processo diante do qual especialmente Olivier Besancenot (mas também Löwy, em menor medida) não sairia imune, peça central que foi.

Membro da tendência mais libertária no interior da Juventude Comunista Revolucionária (JCR) nos anos 1990,⁸ Besancenot tornou-se figura eminente da LCR em 2002, quando concorreu – com apenas 28 anos – à presidência da República, com o slogan “Nossas vidas valem mais do que os seus lucros”, recolhendo surpreendentes 4,25% dos votos. Cinco anos mais tarde, na eleição seguinte, novamente candidato, Besancenot voltou a superar a barra dos 4%, consolidando-se como principal figura pública do partido, e um dos artífices da criação do Novo Partido Anticapitalista (NPA), em 2009, criação para a qual a LCR decidiu por sua própria autodissolução, a fim de se juntar com outros movimentos (muitos dos quais de sensibilidade libertária) na formação de nova uma organização.

Neste contexto, a aproximação entre Michael Löwy e Olivier Besancenot era quase inevitável. Nos anos 1990, depois de um evento acadêmico na Universidade de Nanterre (Paris X),⁹ emergiu a ideia de que escreverem juntos um livro sobre a paixão compartilhada, projeto que só se concretizaria, finalmente, em 2007 com a publicação na França de *Che Guevara: uma chama que continua ardendo* (LÖWY; BESANCENOT, 2009). Neste livro, não é difícil visualizar a tentativa dos autores de destacar a sensibilidade libertária presente

⁷ Ver, a propósito, a tese de Florence Joshua (2011) sobre as “metamorfozes do engajamento anticapitalista” da LCR dos anos 1960 ao NPA.

⁸ Na França, é bom que se diga, o debate entre algumas correntes de origem marxista e outras de conotações libertárias sempre manteve certa relevância no âmbito da esquerda radical pós-68, embora tenha ganhado novas dimensões em tempos mais recentes, em alguma medida devido exatamente à “abertura” de algumas tendências da LCR/NPA para preocupações políticas historicamente trazidas à baila pelos anarquistas e/ou libertários.

⁹ Entrevista realizada em Port-Leucate (França), em agosto de 2014.

no marxismo humanista de Che Guevara, em sua busca pela construção de uma subjetividade revolucionária tanto quanto em sua desconfiança para com as estruturas burocráticas estabelecidas.

O livro mais recente, *Afinidades revolucionárias. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários* (2016) constitui, assim, uma espécie de condensação, ou de síntese, desta defesa de um enriquecimento (que é também um reordenamento) libertário do marxismo ou do socialismo. Neste, sem deixar de reconhecer as profundas divergências históricas entre marxistas e anarquistas/libertários, das quais tornou-se revelador o desenlace trágico do episódio de Kronstadt em 1921, os autores enfatizam a “memoração” (no sentido benjaminiano, quer dizer, a partir do presente) de acontecimentos e/ou de intelectuais que simbolizam estas “afinidades revolucionárias” entre vertentes das duas correntes.

De eventos como a Comuna de Paris ou a Guerra Civil Espanhola, passando por figuras como Louise Michel, Walter Benjamin, André Breton, Emma Goldman ou o Subcomandante Marcos, até questões “clássicas” do debate entre marxistas e libertários (revolução social e poder político, planificação e autogestão, democracia, partido e sindicato), trata-se para os autores de se demarcar algumas linhas-de-força à luz das quais novas e inesperadas “afinidades revolucionárias” poderiam florescer, perfurando a crosta das ortodoxias, incapaz de impedir a irrupção das torrentes “heréticas”. Sem a pretensão de se estabelecer um programa “marxista-libertário” a servir de guia à reconciliação desejada, Löwy e Besancenot almejam antes de tudo - como se vê neste livro tão polêmico quanto importante - reativar, a partir do imperativo de atualização da crítica e da luta contra o capitalismo, o “estado de espírito” revolucionário no âmbito do qual, para dizer como André Breton, as tentativas de “transformar o mundo” (Marx) e de “mudar a vida” (Rimbaud) se articulam numa só batalha.¹⁰

A perspectiva geral é inequívoca e explicitada pelos próprios autores: “Nosso ponto de partida, por nossa história e por nossa formação, é o marxismo: é a partir dele que nos interessamos pela experiência libertária”

¹⁰ “Transformar o mundo, disse Marx; mudar a vida, disse Rimbaud: estas duas palavras de ordem para nós são uma só” (BRETON, 1985, p. 184).

(*ibid.*, p. 189). Mas como se trata de uma interpretação do marxismo que se pretende “aberta”, o objetivo é sobretudo o de estabelecer um diálogo franco com as perspectivas (no plural) libertárias, apostando que, hoje mais do que nunca, “os marxistas têm muito a aprender com o pensamento, a cultura, as lutas e as ideias libertárias”, em especial por sua “rejeição de toda tirania, dominação e opressão”. No fundo, como um espectro insolente que continua a assombrar os vivos, agora que parecia finalmente morto, a “esperança” de Michael Löwy e Olivier Besancenot é depositada na “cultura revolucionária” que, do passado ao presente, e deste ao futuro, haverá de se restabelecer, embebendo-se inelutavelmente, segundo apostam os autores, das “duas fontes de radicalidade” que são o “vermelho” e o “negro” (2016, p. 14).

Resta por saber como superar, na própria prática anticapitalista, as contradições que ainda se fazem presente entre marxistas e libertários e/ou anarquistas, dentre as quais é possível mencionar as questões da organização e, sobretudo, do tipo de “tomada”, de “socialização” e de exercício do poder almejado. Sabe-se bem, afinal, que o imperativo de se deixar para trás, em definitivo, as tentações vanguardistas e/ou “substitucionistas”, ou a insistência na conquista do Estado enquanto tal, não significa, ao menos não necessariamente, que já não temos mais necessidade de alguma forma de organização política das classes subalternas numa perspectiva anticapitalista, e ainda menos que devemos abandonar toda luta pelo poder, aí incluído, evidentemente, o poder estatal – conforme defendido, por exemplo, por John Holloway em *Mudar o mundo sem tomar o poder*. O desafio, ainda hoje, embora sob novas e mais complexas condições, é o de articular, num só projeto, a luta pela tomada e subversão do poder do Estado e a transformação da vida social em seu conjunto. No âmbito do marxismo, Rosa Luxemburgo constitui, sem dúvida, a este respeito, uma figura de referência, com sua insistência na política

dos “de baixo” – em que, ao se transformar o mundo, transforma-se a própria subjetividade dos atores sociais envolvidos na práxis.¹¹

Marxista, surrealista e libertário

Mais do que um exercício meramente intelectual, embora também o seja, tais questões tornaram-se politicamente incontornáveis após a derrocada final do stalinismo entre 1989 e 1991. Desde então, a necessidade de se contrabalancear, por assim dizer, a terrível carga simbólica deixada pelas vertentes autoritárias do “marxismo”, recolocou em pauta elementos que, bem ou mal, foram levantados pela tradição libertária, e que, no geral, ao menos tal como defendem Löwy e Besancenot, não foram suficientemente debatidos pela corrente cuja formação se deve à oposição ao avanço da contrarrevolução burocrática stalinista na ex-União Soviética: os trotskistas.

O apego à “autenticidade” revolucionária do marxismo, na contramão da “falsificação” stalinista – no que faz lembrar algo da tradição judaica e sua afeição ao texto, como bem observa o também trotskista e judeu (como Löwy) Daniel Bensaïd –, não raro transformou algumas das vertentes desta corrente em prisioneiras de uma concepção cerrada e demasiadamente otimista do processo revolucionário, imune aos perigos da “traição”. Sem jamais renegar por completo a tradição a qual pertencem, Löwy e Besancenot não hesitam, porém, em depurá-las de suas tentações burocráticas e autoritárias, utilizando-se para tanto (nem sempre de modo exitoso, vale dizer) de temáticas historicamente vinculadas à perspectiva libertária em sentido amplo.

¹¹ Sobre a permanência, em Löwy, desta leitura da obra de Rosa Luxemburgo à luz da teoria da práxis, permanência que assume conotação cada vez mais libertária, ver Loureiro (2011). Embora amplamente inspirada na abordagem löwyana da revolucionária polonesa, Isabel Loureiro dela se distancia ao problematizar de modo mais agudo a tensão (ou antinomia) não resolvida, no pensamento político de Rosa Luxemburgo, entre a defesa marxista “ortodoxa” (ou “dogmática”, no caso) da inevitabilidade do colapso do capitalismo e, mais, do advento do socialismo, que estariam inscritas nas “leis de bronze da história”, e uma visão “aberta” da história e da política, assentada nas contingências da ação e da experiência das massas. A propósito, ver o incontornável *Rosa Luxemburg. Os dilemas da ação revolucionária* (LOUREIRO, 2004).

Que no itinerário de Michael Löwy esta síntese marxista-libertária encontre em Benjamin e no surrealismo, ou melhor, no ensaio de Benjamin sobre os surrealistas (2000 [1929]), uma de suas mais expressões mais acabadas, apenas comprova a existência subterrânea de uma sensibilidade libertária – “pequena e feia”, como disse o crítico alemão a propósito da teologia¹² – já esboçada em sua juventude trotsko-luxemburguista-guevarista e surrealista, e mais bem desenvolvida a partir de meados da década de 1980 até os dias que correm, doravante em meio ao seu marxismo romântico-utópico e agora efetivamente libertário. Mesmo porque, também em Löwy, o objetivo é encontrar as mediações possíveis entre a “embriaguez” libertária e a “disciplina revolucionária”, em uma palavra, entre a revolta e a revolução, sob o fundo da “ideia radical de liberdade” que, como poucos, segundo Benjamin, os surrealistas teriam sido capazes de propagar.

É bem verdade que, tanto quanto em Benjamin, trata-se de um projeto político-intelectual mais fácil de se anunciar do que de colocar em prática, já que depende de contingências que escapam à previsão teórica, contingências que hoje, diante do rebaixamento evidente do “horizonte de expectativas”, fazem parecer abstratas as “profissões de fé” mobilizadas por Löwy, como se as antinomias reais pudessem ser ultrapassadas por “novos” postulados de princípio. Sem condições concretas, a utopia pode se desvanecer em distopia, à maneira da “utopia abstrata” criticada por Ernst Bloch, assim como a resistência fatalmente se esmorece em resignação, não por falta de garantia da vitória (situação “trágica” de toda aposta revolucionária), mas sim pela ausência de esperança na não inevitabilidade da derrota. A uma “utopia concreta” como o marxismo, “importa – segundo Bloch (2006, p. 176, 177) - compreender com exatidão o sonho do seu objeto, inerente ao próprio movimento histórico”. Isso porque “o mero desejar ainda não saciou ninguém. De nada adianta, sim, até debilita, se a ele não se junta um querer enfático. E com ele um olhar aguçado, atento, que mostra ao querer o que pode ser feito”.

É nesse sentido que Benjamin, em resposta a G. Scholem, como que reafirmando o caráter aparentemente insolúvel (até segunda ordem) do problema, sustentou que o “tomo filosófico” que faltaria em sua obra, conforme

¹² Ver a primeira tese “sobre o conceito de história” (BENJAMIN, 2005, p. 65).

lhe era censurado pelo amigo, “será aportado efetivamente antes pela revolução do que por mim”. Mais de sete décadas depois, ainda que sob novas condições, permanece este o dilema ao qual Michael Löwy – este benjaminiano na contramão da pós-modernidade – deve fazer frente, dilema que se expressa de modo lapidar na sua obra e na sua trajetória intelectual e política, assim como na de Daniel Bensaïd, o que por si só já lhes garante alta relevância analítica, por assim dizer, à luz das quais se pode perscrutar os desafios que se apresentam aos intelectuais marxistas na contemporaneidade.¹³

À espera e à espreita, Michael Löwy assumiu, assim – recusando-se ao papel de guardião do templo, de advogado do Marx “autêntico” contra as suas deformações históricas –, a função de “*porteur*”, recolhendo os ensinamentos da tradição revolucionária dos anos 1950, 1960 e 1970 a fim de repensá-los, sem medo da heresia, a partir dos novos problemas que se colocaram às lutas anti-sistêmicas nas últimas décadas. Daí a sua abertura para perspectivas que, originalmente estranhas ao marxismo, poderiam por isso mesmo estimulá-lo a um processo de renovação teórica, com consequências imprevisíveis, às vezes improváveis. A bem dizer, seja como for, é esta procura incessante, a um só tempo marxista, romântico, surrealista e (portanto) libertária, pelas articulações possíveis entre elementos de visões de mundo diferentes, tal qual uma montagem benjaminiana, que confere a Michael Löwy o seu espaço específico em meio ao fogo cruzado doutrinário ainda vigente. Por esta razão, para dizer como Sartre, se Michael Löwy é um marxista libertário, nem todo marxista libertário é um Michael Löwy.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, W. Le surréalisme. Le dernier instantané de l'intelligentsia européenne. In: *Œuvres II*. Paris: Gallimard, 2000.

¹³ Analisar a forma sob a qual estes “dilemas” se apresentaram nas trajetórias e nas obras intelectuais de Michael Löwy e de Daniel Bensaïd foi o objetivo da minha tese de doutorado, defendida em março de 2016 na Unicamp, com o título: *Resistência intelectual e engajamento político em Michael Löwy e Daniel Bensaïd: afinidades benjaminianas* (QUERIDO, 2016).

- _____. Teses sobre o conceito de história. In: Löwy, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BLOCH, E. *O Princípio Esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. v. 2
- BRETON, A. Discurso no Congresso dos Escritores (1935). In: *Manifestos do surrealismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 173-184.
- DELECROIX, V. Les temps romantique de Michael Löwy. In: DELECROIX, V.; DIANTEILL, E. (orgs.). *Cartographie de l'utopie. L'œuvre indisciplinée de Michael Löwy*. Paris: Sandre Actes, 2011.
- JOSHUA, F. *De la LCR au NPA (1966-2009). Sociologie politique des métamorphoses de l'engagement anticapitaliste*. Tese de doutorado em Sociologia Política, Science Po, Paris, 2011.
- LOUREIRO, I. *Rosa Luxemburg. Os dilemas da ação revolucionária*. São Paulo: Unesp/Fundação Perseu Abramo, 2004.
- _____. Rosa Luxemburg selon Michael Löwy. In: DELECROIX, V. ; DIANTEILL, E. (orgs.). *Cartographie de l'utopie. L'œuvre indisciplinée de Michael Löwy*. Paris: Sandre Actes, 2011.
- LÖWY, M. 'A contrapelo'. A concepção dialética na cultura nas teses de Walter Benjamin. *Lutas Sociais*, n. 25-26, 2010/2011.
- _____. *A estrela da manhã: surrealismo e marxismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- _____. *A evolução política de Lukács (1909-1929)*. São Paulo: Cortez, 1998.
- _____. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *A teoria da revolução no jovem Marx*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Écosocialisme. L'alternative radicale à la catastrophe écologique capitaliste*. Paris: Mille et Une Nuit, 2011.
- _____. Figures du wébéro-marxisme. *Actuel Marx*, n. 11, 1992.
- _____. *Franz Kafka: sonhador insubmisso*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.
- _____. *Judeus Heterodoxos. Messianismo, Romantismo e Utopia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- _____. Le point de vue des vaincus dans l'histoire de l'Amérique latine. *Cahiers d'anthropologie sociale*, n. 4, 2008.
- _____. Negatividad y utopia en el movimiento altermundialista. *Herramienta*, n. 42, 2009.

- _____. *Redenção e Utopia. O judaísmo libertário na Europa central. Um estudo de afinidade eletiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Revolta e Melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- _____. *Stalhartes Gehäuse: l'allégorie de la cage d'acier*. In: Löwy, M. (org.). *Max Weber et les paradoxes de la modernité*. Paris: PUF, 2012, p. 61-80.
- _____. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LÖWY, M.; BESANCENOT, O. *Che Guevara: uma chama que continua ardendo*. São Paulo: Unesp, 2009.
- _____. *Afinidades revolucionárias. Nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários*. São Paulo: Unesp, 2016.
- LUKÁCS, G. *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- QUERIDO, F. M. Marx, Weber e a modernidade: capítulos de um des(encontro) histórico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 29, n. 87, 2015.
- _____. *Michael Löwy: marxismo e crítica da modernidade*. São Paulo: Boitempo Editorial/FAPESP, 2016.
- _____. Para uma história marxista do marxismo: passado e presente. Entrevista com André Tosel. *Crítica Marxista*, n. 40, 2015.
- _____. *Resistência intelectual e engajamento político em Michael Löwy e Daniel Bensaïd: afinidades benjaminianas*. Tese de doutorado em Sociologia, IFCH – UNICAMP, 2016.
- RIDENTI, M. Romântico e errante. In: JINKINGS, I.; PESCHANSKI, J. A. (orgs.) *As utopias de Michael Löwy: reflexões sobre um marxista insubordinado*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- SAYRE, R. Romantisme et modernité: parcours d'un concept et d'une collaboration. In: DELECROIX, V.; DIANTEILL, E. (orgs.). *Cartographie de l'utopie. L'œuvre indisciplinée de Michael Löwy*. Paris: Sandre Actes, 2011. p. 61-72.
- SCHWARZ, R. Aos olhos de um velho amigo. In: Jinkings, I.; Peschanski, J. A. (orgs.) *As utopias de Michael Löwy: reflexões sobre um marxista insubordinado*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- STORA, B. *La dernière génération d'Octobre*. Paris: Hachette, 2008.
- TRAVERSO, E. Le marxisme libertaire de Michael Löwy. In: DELECROIX, V.; DIANTEILL, E. (orgs.). *Cartographie de l'utopie. L'œuvre indisciplinée de Michael Löwy*. Paris: Sandre Actes, 2011.

WILLIAMS, R. O que é o anticapitalismo? In: Jinkings, I.; Peschanski, J. A. (orgs.)
As utopias de Michael Löwy: reflexões sobre um marxista insubordinado. São
Paulo: Boitempo, 2007.